



QUE DIZER DO POETA?

* Lealis Conceição Guimarães

Resumo:

Esta análise literária visa a mostrar, através do poema **Dados Biográficos**, como Carlos Drummond de Andrade utiliza seus próprios versos para apresentar-se como homem e como poeta.

Abstract

This literary analysis aims at showing, through the poem **Dados Biográficos**, how Carlos Drummond de Andrade uses his own verses to introduce himself as a man and a poet.

Unitermos: Poeta; Aparência; Essência.

Key- words: Poet; Aspect; Essence.

Introdução

Com este estudo pretende-se mostrar como o poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade utiliza a poesia **Dados Biográficos****, publicada no livro *Viola de Bolso II*, para desnudar-se perante todos, olhando para si mesmo e apresentando-se como ser humano e como poeta. Eis o poema:

*Docente de Língua Portuguesa do Departamento de Educação e Ciências Sociais do CESULON.

Mestranda em Letras (UNESP - Assis / SP).



"Mas que dizer do poeta
numa prova escolar?

Que ele é meio pateta
e não sabe rimar?

Que veio de Itabira,
terra longe e ferrosa?

E que seu verso vira,
de vez em quando, prosa?

Que é magro, calvo, sério
(na aparência) e calado,
com algo de minério
não de todo britado?

Que encontrou no caminho
uma pedra e, estacando,
muito riso escarninho

o foi logo cercando?

Que apesar dos pesares
conserva o bom-humor,
çaça nuvens nos ares,
crê no bem e no amor?

Mas que dizer do poeta
numa prova escolar
em linguagem discreta
que lhe saiba agradecer?

Muito simples: seu gosto
(nem é preciso argúcia)
é ser_ vê-se no rosto_
amigo de Ana Lúcia."
(OC, p.413)

Ao se empreender a leitura analítica, tendo em vista que a poesia drummoniana entrelaça o desconcerto de um "gauche" diante do mundo e a rigorosa disciplina de seu fazer poético, observa-se que, entre os vários tons englobados em sua obra, "num pelo menos atinge a orquestração definitiva _ o da mineiridade _ de que se serve o itabirano para atingir a universalidade do homem", segundo Guilhermino César (1983, p.229). Em virtude disso, o sentimento do mundo que faz tanta questão de ressaltar em sua obra tem nuances típicas da simplicidade deste poeta do interior de Minas Gerais, como se pode comprovar.

O poema e o poeta

Primeiramente, é mister entender-se a visão do artista, que é sempre o resultado de uma análise do conhecimento adquirido pela prática ou observação, ou seja, é a "experiência sensível" transformada em "experiência estética". Isso pode ser comprovado com as palavras do próprio Drummond no poema intitulado **A Luís Maurício, infante** (OC, p.290), em que afirma: "Os olhos se inflamam depressa, e do mundo o espetáculo é vário / e pede ser visto e amado. É tão pouco, cinco sentidos." Assim, o processo de criação artística consiste em olhar, tornar subjetiva a sua percepção e fazer conjecturas, transitando do pessoal ao coletivo, através da linguagem poética.

** Este poema e outros textos da Obra Completa de Carlos Drummond de Andrade, publicada em 1967, serão aqui identificados pela sigla OC, seguida do número da página.



O poema analisado é composto de sete quartetos com versos hexassílabos de acentuação variada, o que provoca um ritmo ansioso e quebra a monotonia da repetição de questionamentos do "eu" escondido atrás do "outro", com o emprego da terceira pessoa, já que o eu-lírico se refere a ele mesmo, o poeta. Ao fundir o "eu" no outro, o fazer poético drummoniano remete a Otávio Paz que assegura ser a poesia a busca dos outros em si mesmo, como descobrimento de "la otredad" (1967, p.261). Da mesma forma, Drummond dá presença aos outros e à sua natureza humana para desnudar-se e revelar novos ângulos, ao invés de dissimular. Com isso, o poeta aborda um grande tema da literatura clássica, que é o mundo interior da natureza humana.

É interessante destacar que, neste poema, há predominância de substantivos, que indicam a particularização das características biográficas do poeta, e de verbos de ação, que dão dinamismo a tais peculiaridades.

Quanto às rimas, observa-se que são cruzadas (ABAB) em todos os sete quartetos e, de acordo com o critério gramatical, há mais rimas ricas que pobres. Nas ricas, há a mescla de substantivos, adjetivos e verbos, e, nas pobres, predominam os substantivos. Nota-se, neste poema e em toda a poética drummoniana, a importância de nomear e qualificar "coisas" e situações.

Ao enfatizar o coloquial, o autor faz uso lúdico da repetição das perguntas, respondendo-as somente na última estrofe. Questionar a sua própria identidade e a atividade poética é comum nos textos de Drummond, como se pode verificar no fragmento da crônica **Autobiografia para uma revista**, citado a seguir: "De repente, a vida começou a impor-se, a desafiar-me com seus pontos de interrogação, que se desmanchavam para dar lugar a outros" (OC, p.546-7). Em virtude disso, num clima aparentemente nostálgico, ele interroga e apresenta-se exterior e interiormente no poema aqui estudado.

A primeira pergunta "Mas que dizer do poeta / numa prova escolar?", exatamente igual aos versos iniciais da sexta estrofe, funciona como um refrão e força a resposta final. A partir daí, o poeta enumera suas particularidades físicas e psicológicas, misturando passado e presente, como se comprova pelos tempos verbais empregados. No entanto, as afirmações são feitas em estrutura oracional interrogativa. Tal procedimento parece denotar a necessidade de resposta para confirmação de sua identidade como homem e como escritor.

É necessário reafirmar que o marco férreo da temática de sua obra reflete sua cidade natal Itabira, onde acontecimentos, por mais banais que sejam, adquirem uma dimensão estética. A propósito, na segunda estrofe do poema analisado, percebe-se o poeta amalgamado às suas origens, como sempre enfatizou: "Que veio de Itabira, / terra longe e ferrosa?"

Além do mais, em "terra longe e ferrosa", a aliteração (rr) mostra que a dureza do ferro está impregnada também na vontade do poeta, visto que esta é de ferro e resiste à decomposição dos sentimentos, mesmo na época turbulenta em que ele vive.

No oitavo verso, o adjunto adverbial de tempo "de vez em quando" realça a metamorfose do verso em prosa, com um sentido antitético, embora tanto no verso como na prosa deva ser ressaltada a preocupação artística do olhar para o cotidiano, que extrai poesia mesmo de elementos considerados prosaicos.



Na estrofe seguinte, a apresentação da aparência ("magro, calvo, sério") é manifestação da essência ("calado./ com algo de minério / não de todo britado"). Assim, apesar de "gauche", o poeta parece procurar o equilíbrio entre o físico e o emocional. Devido à sua origem mineral em estado semibruto (não de todo britado), ele é um tímido que olha obliquamente para o mundo e parece desconfiar até de si mesmo. A expressão "algo de minério não de todo britado" é alegoria de sua essência. No encadeamento com o verso seguinte, o destaque dado à locução "de minério" pode ser entendido como referência a uma pedra preciosa, em seu estado puro, sem polimento, ou seja, o ser humano como ele é realmente, livre dos convencionalismos impostos pela sociedade.

Durante todo o poema, o eu-lírico continua apresentado os flashes que caracterizam o poeta, como se movimentasse uma câmara de filmagem. Tendo em vista essa analogia, cada estrofe representa um enfoque, e o próximo tem verbos no passado ("encontrou", "foi") que destacam o "caminho" (metáfora de vida), cortado pela "pedra" (problemas vivenciados) e pelo "riso escarninho" (ironia). Salienta-se aqui o convencionalismo social como o obstáculo que não o deixou vencer a timidez, extravasando-se no humor "gauche", justificado pelo próprio escritor na crônica intitulada **Um escritor nasce e morre**, como se pode notar no trecho seguinte: "ganhei fama de irônico por causa do sorriso envergonhado" (OC, p.514).

Os verbos no gerúndio indicam ação em andamento e oposição rítmica _ "estacando" (estaticidade) e "cercando" (movimento) _ e mostram que o poeta mantém-se em contínuo movimento na sua luta contra os problemas sociais, tentando remover, metaforicamente, as "pedras" que se colocavam no seu caminho, como enfatizou no poema **No meio do caminho**, com estes versos: "Nunca me esquecerei que no meio do caminho / tinha uma pedra / tinha uma pedra no meio do caminho / no meio do caminho tinha uma pedra." (OC, p.62).

A repetição de palavras semelhantes foneticamente _ "apesar dos pesares" (primeiro verso da quinta estrofe) e o encadeamento que as liga ao verso seguinte, salientando o pesar (mágoa), apresentam a superação dos dilemas, resolvidos através da autodefesa do "bom-humor" irônico que, segundo Afrânio Coutinho, é "índice significativo de seu dramatismo interior" (1967, p.34).

O vocábulo "nuvens" (quinta estrofe) é metáfora das idéias, que devem ser caçadas pelo poeta, isto é, recriadas artisticamente, fundamentadas na crença do "bem" e do "amor" entre os homens, que situa o prazer estético na beleza e, conseqüentemente, no amor. Na crônica **A um jovem**, Drumond reafirma esta imagem idealista: "Nosso negócio é a contemplação da nuvem. Que pelo menos não torne demasiado antipáticos aos olhos de coetâneos absorvidos por ocupações mais seculares" (OC, p.879)

E o último questionamento repete a estrutura do primeiro, reforçando a contínua busca, neste caso, por uma " linguagem discreta que lhe saiba agradar", já que essa é uma grande preocupação drumoniana, como frisa na crônica **Linguagem**: "Há um desgaste mais doloroso que o da roupa, e é o da linguagem, mesmo porque sem recuperação" (OC, p.601) . O poeta vê a constante deturpação da linguagem como dolorosamente irrecuperável.

Todas as perguntas impulsionam o leitor a interagir com o poeta para descobrir o que mais lhe agrada. Na expressão "vê-se no rosto", pressupõe-se que o "seu gosto",



ou seja, o seu prazer se manifesta metonimicamente nos olhos, como a máxima expressão humana, sem necessidade de muita sutileza de espírito para se entender ("nem é preciso argúcia").

O emprego do nome próprio, muito freqüente na poética drummoniana, além de significativa identificação do ser humano, aqui simplesmente personifica a amizade de Ana Lúcia Miguel Pereira.

Considerações finais

Assim, cria-se a imagem do poeta e do homem que, com a câmara na mão faz a montagem de si mesmo, utilizando-se dos versos curtos que têm caráter mais descritivo que narrativo. Pode-se afirmar, ainda, que o poeta não consegue desvincular-se de elementos comuns ao cotidiano, como uma "prova escolar", e sua Itabira do Mato Dentro, cidade do interior de Minas Gerais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, A. "Fenomenologia do Olhar". In: NOVAES, A. (org.). **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p.65-87.
- _____. **Reflexões sobre a Arte**. São Paulo: Ática, 1991.
- CÉSAR, G. "A Poesia Brasileira de 22 até Hoje". In: **O Livro do Seminário**. São Paulo: L.R. 1983. p.221-49.
- COUTINHO, A. (org.). "Fortuna Crítica". In: DRUMOND DE ANDRADE, Carlos. **Obra Completa**. São Paulo: Aguilar, 1967. p.31-41.
- _____. "Nota Editorial". In: Op. cit., p.11-12.
- DRUMOND DE ANDRADE, C. **Obra Completa**. São Paulo: Aguilar, 1967.
- MORAES, E. "As Várias Faces de uma Poesia". In: DRUMOND DE ANDRADE, Carlos. **Obra Completa**. São Paulo: Aguilar, 1967, p.13-30.
- _____. **Drummond rima Itabira mundo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.
- PAZ, O. **El arco y la lira**. México: Fondo de Cultura Econômica, 1967.
- POUND, E. **ABC da Literatura**. (Trad. Augusto de Campos e José Paulo Paes). Trad. "ABC of Reading". São Paulo: Cultrix, 1990.
- SANT'ANA, A. R. **Drummond: o Gauche no Tempo**. Rio de Janeiro: Lia / MEC, 1972.